

# A crítica de Deleuze à dialética: uma crítica?

Eleutério F. S. Prado<sup>1</sup>

Como vimos na nota anterior – *Dialética: lógica da contrariedade ou lógica da contradição?* –, Gilles Deleuze marcou a sua trajetória intelectual como crítico da dialética hegeliana e como aquele pensador que reformulou a noção de “diferença”. Aqui se volta a discutir o mesmo tema tendo por base o livro *Gilles Deleuze – Um aprendizado em Filosofia* de Michael Hardt (Editora 34: 1996). Esse último autor indica que o filósofo francês fez três triangulações especulares para criticar Hegel, primeiro com Henri Bergson, depois com Friedrich Nietzsche e finalmente com Baruch Espinoza. Aqui se acompanhará apenas a exposição da primeira delas que se concentra numa questão de lógica.

Eis que Deleuze lê Bergson como o propósito central de se apropriar de seu ataque à lógica hegeliana. Em seu artigo *A concepção de diferença em Bergson*, escrito em 1956, ele constrói os alicerces da corrente que ficará conhecida como pós-estruturalista. No seu fluir, a diferença temporal – e não a contradição – é que vai “marcar a dinâmica real do ser – é o movimento que funda o ser”.

A crítica mencionada – segundo Hardt – tem por base a famosa tese que Hegel toma criticamente de Espinosa, segundo a qual “toda determinação é negação” – isto é, “omnis determinatio est negativo” na língua original. Eis que esse adágio – note-se – tem de ser lido segundo dois significados conjugados: primeiro, indica o processo de determinação do ser enquanto tal e, segundo, aponta para o seu estado de determinidade. Eis então como Hardt apresenta o primeiro movimento da *Lógica* de Hegel:

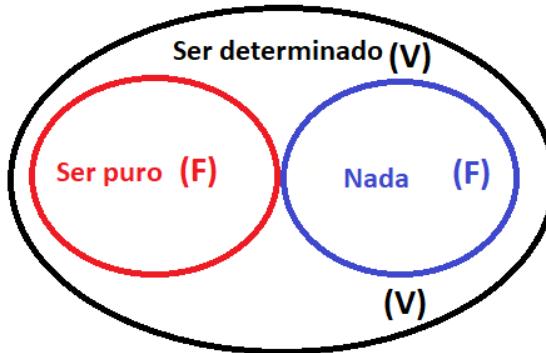
A *Lógica* começa com o puro ser em sua simples imediatidade; mas este ser simples não tem qualquer qualidade, qualquer diferença – é vazio e equivalente ao seu oposto, o nada. É necessário que o ser negue ativamente o nada para marcar a sua diferença. O ser determinado subsume, então, essa oposição e essa diferença entre o ser e o nada. Em seu próprio núcleo, ele apresenta a fundação das reais diferenças e qualidades que constituem a sua realidade.

Ora, esse modo de compreender a dialética pode ser representado por meio de um gráfico que diz: ser puro (falso porque é isolado); nada (falso porque também é

---

<sup>1</sup> Professor titular e sênior do Departamento de Economia da FEA/USP. Correio eletrônico: eleuter@usp.br. Blog na internet: <https://eleuterioprado.blog>. Ainda que seja bem óbvio, reitera-se aqui que a nota não tem qualquer pretensão de originalidade. Ainda assim, os eventuais erros são todos do presente autor.

isolado); logo, ser determinado (verdadeiro porque junta a verdade parcial de cada um deles).



Posto isto, ele completa:

A negação define esse estado de determinidade em dois sentidos: é um *contraste* estático baseado na finitude das qualidades e um *conflito* dinâmico baseado no antagonismo das diferenças.

Hardt diz, portanto, que o “ser puro equivale ao nada”. Ora, essa leitura é problemática, pois o argumento de Hegel é que ao pôr o “ser puro” explicitamente, põe-se implicitamente o “nada”, ou seja, a diferença. Eis que, para ele, a diferença já está implícita na identidade. E quem diz isso, é o *entendimento*, uma vez que ele é forçado a dizê-lo pela *razão crítica*: no “ser puro” – diz o entendimento – não há “nada”... Veja-se:

*Ser, puro ser* – sem nenhuma outra determinação. (...) É a pura indeterminação e o puro vazio. Não há *nada* nele que se possa intuir (...) ou pensar. (...) O ser, o imediato indeterminado, é na realidade o nada.

*Nada, o puro nada* – é a igualdade simples consigo mesma, o vazio perfeito, a ausência de determinação e conteúdo; a própria indistinção.

*O ser puro e o puro nada são* [leia-se: parecem] *portanto a mesma coisa*. (...) No entanto, a verdade não é a indistinção, *senão que eles não são mesmo*, sim que são *absolutamente diferentes*. Contudo, não estão separados, pois são inseparáveis. Eis que, imediatamente, *cada um desaparece em seu oposto*. A sua verdade, pois, consiste neste *movimento* do imediato desaparecer de um no outro: o *devir*.

Aqui, portanto, já se pode indicar que a apresentação de Michael Hardt não é apenas problemática, mas está errada. Hegel não diz que o ser puro e o nada são equivalentes; ao contrário, ele diz que eles apenas parecem o mesmo, que apenas parecem idênticos. Ademais, ele afirma peremptoriamente que, na verdade, eles são absolutamente diferentes, que um é o oposto do outro e que essa contradição é já o devir. Afirma, assim, que essa contradição é o motor do movimento do nascer e do perecer como ficará claro a frente.

O discurso de Hegel é um discurso sobre a linguagem como manifestação por excelência do espírito. Ao dizer “ser puro”, afirma-se a sua *posição* como tal. Ora, ao fazê-lo, ao dizê-lo explicitamente, algo mais é dito implicitamente. E esse implícito é o

seu oposto, qual seja ele, o “nada”. O primeiro está explícito, o segundo está implícito; o primeiro está posto, o segundo está pressuposto. Mas é preciso ainda acompanhá-lo um pouco para mostrar como da afirmação explícita do “ser puro” e do “nada” juntos, já se diz implicitamente, sob a mediação do nascer e do perecer, o “ser determinado”, ou seja, a “existência”.

O devir é a inseparabilidade do ser e do nada; não consiste numa unidade em que o ser e o nada estão abstraídos; mas, sim, consiste numa unidade do ser e do nada [leia-se: postos] numa unidade determinada, ou seja, numa unidade em que coexistem tanto o ser como o nada.

Ora, desse modo, o devir tem duas determinações: em uma delas é o nada como imediato, vale dizer, começa-se a partir do nada que passa ao ser: é o nascer; na outra, é o ser que é imediato, valer dizer que se começa com o ser que passa no nada: é o perecer.

O devir, enquanto transpassar do nada ao ser formando uma unidade, põe-se como existente, ou seja, assume a forma da unidade imediata desses dois momentos e constitui o *ser determinado* (ou a existência).

Também possível indicar graficamente a natureza do conceito de ser que contém em si mesmo uma contradição real: ser puro (verdade do entendimento); nada (verdade do entendimento); ser determinado (falso como verdade da dialética porque o ser determinado está em permanente processo de transformação).



Mas este não é o único erro de Hardt. A afirmação seguinte também está errada: “a negação define (...) um *contraste* estático baseado na finitude das qualidades. Primeiro, porque, como foi visto, não se trata de um *contraste* estático. Segundo, porque, ao contrário do que pensa esse autor, Hegel expõe a infinitude do nascer e do perecer. Ademais, ele atribui ao sujeito Hegel e à sua subjetividade o ato de pôr a negação. Quando, para Hegel, quem traz implicitamente a negação é o próprio entendimento quando ele diz, por exemplo, “ser puro”. Só sob essa premissa errônea, é possível acusar Hegel de “representar” falsamente o ser:

Deleuze assevera que o próprio processo de determinação ontológica [por negação] solapa a fundamentação real do ser; ele afirma que a diferença constituída pelo movimento negativo da determinação é uma noção falsa de

diferença. Por isso, o processo de determinação tanto destrói a natureza substancial do ser quanto fracassa na apreensão da concretude e especificidade do ser real.

Ora, como se sabe, o fulcro da filosofia de Hegel não é a representação, mas o conceito, isto é, a apreensão racional (e sempre imperfeita) do devir próprio do ser enquanto tal. A dialética do autor da *Fenomenologia do espírito* não é a dialética da contrariedade que trabalha com a trindade “tese-antítese-síntese”, mas a dialética que apresenta as contradições reais e os movimentos que elas implicam.

De qualquer modo, Hardt vai buscar na escolástica medieval duas noções de diferença para criticar Hegel em nome de Deleuze: de um lado, segundo ele, tem-se aquela diferença que determina intrinsecamente (*causae per se*), de outro, tem-se aquela diferença que determina extrinsecamente (*causae per accidens*). Com base nessa distinção, ele critica, primeiro, o mecanismo e o platonismo por determinar o ser por meio de diferenças contingentes, ou seja, pelos seus acidentes (*per accidens*). Afirmando, então, que Deleuze – seguindo Bergson – quer chegar à determinação do ser da outra forma, ou seja, por meio de uma causa necessária e substantiva, expõe então uma conclusão espantosa:

O hegelianismo, contudo, é o alvo fundamental que se encontra na base dessa crítica; Hegel é aquele que leva a exterioridade da diferença ao seu extremo. (...) Tomando a crítica da finalidade platônica como uma introdução, Deleuze monta um ataque à causa final e à causa teleológica em Hegel – na verdade, ele já tem as armas para este ataque à sua disposição. “Em Bergson [diz Deleuze] a coisa difere de si mesma primeiro imediatamente. Segundo Hegel, a coisa difere de si mesma porque difere de tudo aquilo que não é”.

Explicando melhor: se Bergson – supostamente – explica a diferença das coisas por meio de causas internas, sustentando as diferenças entre elas por meio daquilo que os próprios seres produzem internamente às coisas enquanto tais, Hegel, ao contrário, leva a “diferença externa ao seu extremo, à exterioridade absoluta, à contradição radical”.

Nesse sentido, diz que a dialética, tal como o mecanicismo, apresenta a coisa por meio de uma diferença em relação à toda outra coisa, ou seja, “como tudo o que não é – isso é, à exterioridade absoluta”. Ademais, Hegel, tal como um platonismo, definiu as coisas também por suas finalidades externas, por suas destinações últimas, as quais para ambos seria sempre o Bem. Ou seja, Hegel, ao contrário do que pretendeu, nunca deixou de ser um filósofo do entendimento.

A crítica bergsoniana é óbvia quando focalizamos a causalidade que a dialética implica. Desde os primeiros momentos da Ciência da Lógica, do puro ser ao nada, ao ser determinado, a dialética é constituída, por uma dinâmica em que a causa é absolutamente externa ao seu efeito: essa é a essência de uma dialética da contradição. O processo de mediação no oposto depende necessariamente de uma causalidade externa. (...) O núcleo do ataque de Bergson ao conceito hegeliano de mediação dialética é, portanto, que esta não pode sustentar o ser como necessário e substancial.

Donde provém essa leitura que se afigura estranha diante daquilo que o próprio Hegel escreveu em suas obras? Pelo que foi visto aqui de modo sintético, as críticas de Bergson, Deleuze e Hardt parecem completamente desfocadas. Ora, o monstro criado e derrubado consiste num Hegel imaginário que aderiu à dialética da contrariedade – não da contradição, tal como foi mostrado melhor no escrito anterior. Como a dialética hegeliana é uma dialética do espírito objetivo – e como este pode até ser compreendido de modo materialista como um espírito societário –, ela é, ao fim e ao cabo, incompatível com a ideia de uma teleologia da história. Eis que os sujeitos históricos são os seres humanos em geral; são eles – e não um suposto espírito teleológico – é que fazem a história.

De qualquer modo, pode ser verdadeira esta famosa frase de Marx em *O método da economia política*: “Hegel caiu na ilusão de conceber o real como resultado do pensamento que sintetiza-se em si, aprofunda-se em si e movimenta-se a partir de si mesmo, enquanto o método de ascender do abstrato ao concreto é somente o modo do pensamento de apropriar-se do concreto, de reproduzi-lo como concreto pensado”.